
ENTRE A LAPA E SANTA TERESA: CONSUMO E PRÁTICAS CULTURAIS NOS DOIS LADOS DA ESCADARIA SELARÓN ¹

Victor Belart ²

Priscila Bittencourt ³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Neste artigo, voltamos nossa observação para duas regiões vizinhas no Rio de Janeiro: as ladeiras de Santa Teresa e a rua Joaquim Silva, na Lapa. Esses dois bairros são unidos por uma escadaria famosa que se tornou um dos principais pontos turísticos da cidade, mas há ali muitas outras formas de socialidade e disputas que são percebidas no cotidiano dessas ruas. Constantemente movimentadas por diferentes práticas culturais, essas áreas revelam diferentes modos de consumir e viver a capital fluminense. Com subidas e descidas que conectam as urbanidades, elas são capazes de revelar diferentes formas de fazer cultura nas ruas. Buscamos analisar os aspectos de socialidade e consumo nas experiências culturais nesses respectivos territórios, que constituem suas territorialidades. Para isso, nos concentramos nas experiências dos blocos de rua de Santa Teresa e do espetáculo de teatro “Sorte ou revés”, que foi apresentado por uma temporada nas ruas da Lapa.

Palavras-chave

corpo; cidade; lapa; santa teresa; escadaria selarón

Introdução

Alguns dos turistas que fotografam entusiasmados a famosa Escadaria Selarón, na Lapa, talvez não imaginem que ela divide dois importantes polos de cultura no Rio de Janeiro. De um lado, a rua Joaquim Silva, na Lapa, tem histórica importância na construção da trajetória boêmia do Rio de Janeiro desde as primeiras décadas do século XX. Enquanto isso, do alto daquela mesma escada, nas rotas de Santa Teresa, a experiência artística e visual de antigas casas coloridas se encontra com a música reproduzida por famosos blocos do Carnaval de rua daquele bairro. Considerando que “modos de vida estranhos uns aos outros podem engendrar, em pontilhado, uma forma de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Bolsista FAPERJ NOTA 10.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Bolsista Capes.

viver comum” (Maffesoli, 1986, p.142), mergulhamos entre esses territórios vizinhos e de grande efervescência cultural em busca de analisar seus modos de consumir e viver a cidade nas ruas.

Mesmo tratando de lugares que constituem parte do Centro Histórico do Rio de Janeiro, nos distanciamos por aqui de discussões do campo do patrimônio e concentramos nossos olhares em como a contemporaneidade estabelece suas reinvenções sonoras, visuais e afetivas entre corpo, cidade, consumo e movimento. Em diálogo com as noções de Corpografia Urbana de Paola Jacques (2012), buscamos perceber as inscrições e configurações da metrópole nos corpos observados, considerando o quanto experiências do teatro e da música que por ali desabrocham, relacionam-se também com o turismo, arquitetura e com diferentes modos de narrar e viver o Rio.

No trabalho, foram analisadas imagens de arquivo geradas pela experiência do espetáculo de rua *Sorte ou Revés* e imagens do contemporâneo, sendo estas por meio de pesquisas nas redes sociais utilizando *hashtags*. As imagens foram consideradas “como fontes que conectam dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados” (BARBOSA; CUNHA 2006, p.92), na busca de trazer outras dimensões à interpretação e compreensão do universo simbólico da Joaquim Silva.

Questões metodológicas: um olhar que parte do contato com o campo

As considerações elaboradas neste artigo foram tecidas a partir da observação participante dos pesquisadores com os respectivos grupos e redes ligados à cultura nas ruas do Rio de Janeiro, sobretudo aqueles relacionados às práticas musicais e teatrais dos bairros de Santa Teresa e Lapa. Os saberes subjetivos e lúdicos, provenientes das práticas culturais e corporais, atrelados à utilização de materiais de arquivo, pesquisa em redes sociais e pesquisa bibliográfica, compõem o caminho da investigação que revela formas de perceber a relação entre corpo, cidade e consumo. Ao defender o método das cartografias ou corpografias na composição da pesquisa, esses pesquisadores recorrem a Latour (2012), concebendo a perspectiva do “homem” formiga, que atua bem próximo aos coletivos e redes, constrói suas paisagens particulares e se perde nelas. Nesta linha, embarcamos numa metodologia da deriva, valorizando a empiria e compreensão das frequências do campo, estando permanentemente mergulhado nele e construindo a pesquisa através desta imersão. Como apresentam os pesquisadores, “a proposta de se

colocar “à deriva” não é aleatória, correspondendo a um método adotado por alguns pesquisadores – com o intuito de entender a cidade como um espaço dinâmico” (FERNANDES; HERSCHMANN, 2015, p.297). Nesta mesma perspectiva, nos aproximamos das discussões de Jacques (2012), considerando esta deriva como errância urbana, que circula, sente a cidade e propõe uma cartografia sensível a ela, em contato permanente com a cidade e com tais objetos.

Entre Curvas e Ladeiras: algumas considerações sobre o Carnaval de Santa Teresa

O alemão Walter Benjamin nunca esteve num bloco de rua no Rio de Janeiro. Apesar disso, poderiam ser exatamente sobre a capital fluminense algumas palavras que ele escreveu a respeito da cidade de Nápoles na terceira década do século XX. Segundo o autor, naquela metrópole portuária italiana: “anda a música no ar: não a música melancólica nos pátios, mas a música alegre das ruas” (BENJAMIN, 2013). O italiano Fábio La Rocca (2018, p.436) também nos apresenta que existe uma relação “muito estreita entre a potência do imaginário numa cidade e sua produção musical”. Assim, o autor discorre sobre a mesma cidade de Nápoles, comparando a vibração de sua música, de seus gestos e de seus gritos a partir dos mercados de rua, dos vendedores ambulantes, das janelas das casas.

Como veremos a seguir, as curvas e ladeiras do bairro de Santa Teresa, incluindo sua vocação musical, podem se assemelhar ao que foi descrito pelos citados autores europeus sobre a capital napolitana. Muitas cidades portuárias do planeta, inclusive, assemelham-se nessa mesma vibração oriunda dos espaços públicos. Não é difícil perceber que há por ali uma narrativa de vida que transformaria as urbanidades cotidianas. Ela está presente ao mesmo tempo, por exemplo, nas ruas e ladeiras chilenas de Valparaíso, no bairro soteropolitano de Santo Antônio (vizinho ao Pelourinho) ou nas descidas de blocos cariocas e bondes no Largo do Curvelo.

Recentes trabalhos do Laboratório de Comunicação, Arte e Cidade, da UERJ, apresentam a relação do Centro do Rio de Janeiro com sua cultura diaspórica e portuária entre chegadas e partidas que geraram encontros musicais e festividades ao ar livre. Barroso (2017) e Belart (2019) apresentam um pouco dessa história. Em ambos os textos, Luiz Antônio Simas é citado. Este conhecido autor, que ficou muito conhecido dando

aulas em bares e encontros musicais nas ruas, tem vários trabalhos acerca da cultura popular carioca. Num deles, Simas (2018) relembra a história do Rio no século XX, com diferentes comunidades de diferentes origens étnicas vivenciando espaços da cidade e modificando sua cultura de rua.

Nessa mesma linha, trabalhos como os de Souza (2006) ou de Voguel, Melo e Molica (2016) apresentam, por exemplo, a região do Centro do Rio (no Catumbi), vizinho à Santa Teresa) como habitada historicamente por italianos, ciganos e pela comunidade negra. Ali, todos tentavam melhores condições de vida e disputavam a cidade através da cultura e modo de fazer música.

Foi também por alguns desses traços interculturais, que a região Central da cidade alcançou suas marcas históricas identificadas com a música. Muitas rodas de samba ou blocos de Carnaval já tinham, portanto, entoadado pelo mesmo Centro do Rio antes da década de 80, quando a conhecida passarela do Sambódromo foi construída cruzando exatamente os bairros do Catumbi e a extinta Praça XI: com as montanhas de Santa Teresa ao fundo.

Sanchez (2010) comenta acerca do processo de consolidação das cidades enquanto marcas e arenas de espetáculos, movimento que tornou-se muito popular em mercados globais desde o final do século XX. É inegável que, mundialmente, a *música e o Rio de Janeiro* tenham uma relação estreita que se solidificou cada vez mais através do Carnaval e das ruas.

Como comentamos, para além do conhecido baluarte das Escolas de Samba vizinho ao túnel Santa Bárbara, existe toda uma história musical carioca menos conhecida das lentes internacionais bem ali ao lado do Sambódromo. Ela está na trajetória dos blocos de rua e suas festas errantes que habitam diferentes regiões do Rio. Nesse percurso, exatamente o bairro alto de Santa Teresa possui um lugar de destaque: entre ruas apertadas, cortejos matinais e subidas e descidas. Juntamente com permitir ver o Rio do a partir do alto, este bairro estimula uma cidade que experiênciava a si mesma no Carnaval e nas ruas.

Felipe Fortuna destaca como, através exatamente dessa circulação pelas montanhas e pelo maciço rochoso que abriga o bairro de Santa Teresa, “é possível dirigir

um carro da Lapa até a Barra da Tijuca, e atravessar, portanto, as zonas mais movimentadas do Rio de Janeiro, sem precisar parar em um sinal de trânsito” (FORTUNA, 1998, p. 18). Atravessar a cidade toda no alto, passando seus bairros por caminhos irregulares e pouco conhecidos a quem circula apenas ao nível do mar. Esse processo denuncia uma cidade repleta de atalhos, desvios de rota e possibilidades de mutação, que nos servem de metáfora para pensar muitas territorialidades em disputa. Santa Teresa, desse modo, estaria ao mesmo tempo perto e distante do Centro do Rio.

Como mostram trabalhos de Frydberg (2017) ou Rita Fernandes (2019) - apesar do bairro ser habitado desde o século XIX - foi em 1990 que as ruas de Santa Teresa começam a atrair cada vez mais visitantes externos interessados na música e na sua experiência festiva. Essa popularização, intensificou-se, especialmente, pela fundação do Bloco das Carmelitas, que como é apresentado no trabalho de ambas as autoras, tinha uma relação com bandas e blocos que haviam recentemente retomado a popularidade na Zona Sul.

Herschmann (2007) narra as transformações do bairro da Lapa como reduto do samba entre os anos 90 e 2000. Bem próximo dali, as tais ladeiras de Santa Teresa reverberavam uma cidade em arquitetura particular, casas coloridas e uma cultura comunitária e carnavalesca que foi se desenvolvendo cada vez mais intensamente entre os últimos 30 anos. É interessante perceber, que naquele momento, o Rio de Janeiro cada vez mais desindustrializado começava a incorporar alguns preceitos da economia criativa como fonte geradora de receitas e desenvolvimento. Junto desse olhar mercadológico, apresentado por Sanchez (2010), que se interessava cada vez mais pela força da música, popularizavam-se jovens coletivos culturais de forma autônoma que decidiam movimentar e compartilhar experiências de cidade nas ruas para compartilhar o que Maffesoli (1998, p.308) chamaria de “sentimento coletivo”.

Consolida-se, por exemplo, toda uma noção de rede onde os próprios moradores do bairro conectam-se com aquela festa. Isso fica explícito, por exemplo, numa tradição de moradores jogarem água aos foliões, abrirem suas casas para uso de banheiros e também pontos de apoio. Cabe ressaltar que Santa Teresa, juntamente de abrigar diferentes comunidades, é também apontado como reduto de artistas por sua quantidade de bares, ateliês e centros culturais.

Peixoto (2010, p.70) apresenta um processo interessante de preocupação dessa comunidade do bairro com essa experiência coletiva e musical. Segundo ele, depois de mais de 15 anos de desfile, em 2007, o próprio Carmelitas tentou “não divulgar o horário que o bloco sairia”. É interessante perceber como esse processo denuncia uma preocupação com algo compartilhado, mas ao mesmo tempo um incômodo mercadológico com um território sendo cada vez mais popularizado e consumido.

Entre o começo da década de 90 e final dos anos 2000, Santa Teresa consolida-se como um polo do Carnaval da cidade. Essa experiência passa, especialmente, pela fundação e crescimento do Bloco Céu na Terra, em 2001, que como nos mostra Andrade (2012) tem forte relação com referências da cultura popular. Neste bloco, que sai pelas manhãs, existe a presença de bonecos semelhantes aos de Olinda, além de muitos metais (instrumentos de sopro) e o toque de marchinhas e até mesmo de funk.

A popularização do Céu na Terra, como aparece nos trabalhos de Herschmann (2013) e Fernandes e Herschmann (2014) acaba por estimular também novos grupos que ocupam aquele território. Destacam-se, por exemplo, as primeiras neofanfarras do Carnaval do Rio de Janeiro, como o grupo Songoro Cosongo, que desde 2006 tocava ritmos latinos e arrastava novos foliões para as ruas. O grupo Me Enterra na Quarta, também de 2006, consolida uma tradição de fechar o Carnaval do bairro.

Através da escuta de alguns foliões e músicos, podemos perceber alguns indícios de que seja justamente pelo movimento das neofanfarras, que também faziam muito sucesso no Aterro do Flamengo, que o Carnaval de Santa Teresa alcança sua curva de maior crescimento, estimulado também por uma rede que apostava na ideia de “não oficial” do Carnaval da cidade. Desde a virada dos anos 2000 aos anos 2010, portanto, jovens oriundos de diferentes regiões da cidade passam a criar cada vez mais blocos de temáticas diferentes ano após ano entre as ruas de “Santa”. Desce, mas não sobe, Meu Doce Acabou Hoje, Super Mario Bloco, Bloco das Tubas e Cartela Nova estão entre alguns deles, que muitas vezes saem sem nome ou divulgação oficial. Quase todos eles, nunca pediram sequer uma autorização da Prefeitura para desfilarem nas ruas e muitas vezes também esconderam horários e até dias de saída

Descendo Santa: chegando na rua Joaquim Silva

Não é raro que muitos blocos e coletivos culturais comecem seus cortejos musicais em Santa Teresa e desçam caminhando tanto pela escadaria Selarón, quanto por ladeiras que desaguam na Lapa. A vizinhança dos bairros configura uma boêmia diferente. Enquanto em Santa Teresa há uma profusão de cortejos carnavalescos famosos por saírem pelas ruas na parte da manhã, no bairro dos Arcos a fama da noite é secular ao longo do ano.

Bem nas bordas dessa mesma Lapa, fronteira com Santa Teresa, localiza-se a icônica rua Joaquim Silva. Em 2015, a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro declarou como “Patrimônio Imaterial do Povo Carioca” a presença dos Vendedores Ambulantes daquela rua. O papel desses trabalhadores por lá dialoga com imagens de transformações da Lapa entre os anos 90 e 2000, quando muitos coletivos culturais e jovens artistas se uniram por aquelas ruas construindo diferentes formas de socialidade.

Juçá (2014) comenta em diferentes momentos sobre o quanto a Lapa viveu momentos de auge e decadência no que tange a abertura de comércios e estabelecimentos. O trabalho de Herschmann (2007) apresenta um pouco dessa relação naquela localidade. Centrados em períodos parecidos, apresentam como algumas instituições ou grupos culturais, como o Hip Hop, se apoderaram de alguns espaços daquela região. A Joaquim Silva, importante na cultura boêmia da Lapa de tempos passados, teve ali também sua relevância com festas ao ar livre e madrugadas de música ao vivo entre os anos 90 e 2010, ainda que o movimento noturno já tenha sido mais forte por lá ao longo dos anos 2000.

Rua Nova de Santa Teresa (1885), Doutor Joaquim Silva (1917) e enfim, rua Joaquim Silva, nome que antes indicava a rua como parte do bairro de Santa Teresa, hoje leva o nome do médico e filósofo compondo o bairro da Lapa. No trecho em frente ao aqueduto da Lapa, que é hoje cartão postal do bairro e um dos mais conhecidos da cidade, na esquina com a rua Evaristo da Veiga, encontrando com a Ladeira de Santa Teresa, temos o perímetro final da rua Joaquim Silva. O traçado da rua, à primeira vista, parece uma reta. No entanto, ao seguir em direção a baía de Guanabara, passando pelo depósito de bebidas, a escola do Circo Voador, o restaurante de comida japonesa, a

antiga carvoaria, o Sindicato dos Trabalhadores em Saúde, Trabalho e Previdência Social no Estado do Rio de Janeiro, a antiga casa de Jacob do Bandolim, a movimentada Escadaria Selarón, acesso que também marca a conexão com o convento que dá nome ao bairro de Santa Teresa, o Hotel Love's House, o trecho mais arborizado com a Casa com a Música, aproximando-se do Hotel Viña del Mar, a rua revela uma mudança de sentido, uma curva, indo em direção a via que tem o nome do bairro, a rua da Lapa, ao atravessá-la, enfim a reta inicial da múltipla Joaquim Silva. O espaço estreito com os antigos estabelecimentos nos aproxima ainda mais de uma Lapa diferente daquela que passou pela “atualização” na última década com o Lapa Legal e o processo de gentrificação, decorrente de um projeto cidade-mercadoria pré Copa do Mundo e Jogos Olímpicos.

Essa rua é uma peça

Uma rua capaz de trazer imagens de um Rio de Janeiro, revelando traços da região central da cidade em um processo cotidiano de transformações. Ao começar a contextualização da rua, bairro e cidade pela imagem dos Arcos da Lapa, repete-se o cortejo percorrido pelo público e atores durante o acontecimento⁴ *Sorte ou Revés* que ficou em cartaz na rua Joaquim Silva, durante o mês de fevereiro de 2019. Em diálogo como as noções de Milton Santos, trata-se também de um recurso de aproximação do leitor com a territorialidade, em um esforço de compartilhar por meio da narrativa escrita, um caminho, uma experiência, deslocando a ideia de território como algo fixo e estabelecido politicamente (SANTOS, 2006) , para uma aproximação do *lugar* , pela vivência e experiência, assim como pelo movimento (Ibdem) . No decorrer do espetáculo,

[...]um grupo de vizinhos se une para realizar um bingo, quando são surpreendidos pela chegada de um pesquisador em busca de informações sobre a cantora Carmen Miranda, [antiga moradora do logradouro], e o anúncio de um ciclone extratropical que se aproxima da cidade. Neste contexto, em formato itinerante, o público é convidado a jogar o bingo com os atores..” (Texto dramaturgico de Sorte ou Revés, Associação Cultural Peneira, Rio de Janeiro. 2019. Não publicado)

⁴ Consideramos *Sorte ou Revés e Fabulações do Território*, como processo experimental, como um *acontecimento* (DELEUZE, 1974) que se dobra e desdobra, a partir da experiência com na territorialidade da rua Joaquim Silva.

Compondo o diverso ecossistema dos realizadores de arte e cultura no espaço público no Rio de Janeiro, a Associação Cultural Peneira, grupo que tem como característica um conjunto de ações que são elaboradas em diálogo com a territorialidade na qual está inserido, colocou em prática o método de trabalho “Fabulações do Território” e estreou o processo com a formulação do espetáculo *Sorte ou Revés*, no qual moradores e artistas fabulam a partir das memórias e do cotidiano de determinada comunidade. Com início em novembro de 2018, ao longo de três meses, os participantes vivenciaram uma série de jogos de criação, pesquisa na rua, preparação corporal e vocal. Durante um mês em cartaz, atravessaram a rua em cortejo e em coro, levando corporeidades e sonoridades da Joaquim Silva para a cena. Pretendemos aqui apurar a relação entre os corpos dos participantes do espetáculo e a cidade, em um processo comunicacional, a fim de perceber como as relações de consumo e a convivência na Escadaria Selarón se expressam nos corpos dos integrantes do espetáculo. Para esta análise voltaremos a atenção para as cenas de *Sorte ou Revés* realizadas e relacionadas à Escadaria Selarón, o terceiro ponto turístico mais visitado do Rio de Janeiro.

Com 215 degraus, ligando a Joaquim Silva ao Convento de Santa Teresa, a escadaria conhecida internacionalmente pelo colorido de seus azulejos, é uma obra do artista chileno Jorge Selarón, que nos anos 1990, começou a revestir a então cinzenta escadaria da Lapa. Com azulejos de diferentes lugares do mundo, o grande mosaico elaborado pelo artista é um importante ponto de encontro e já foi palco de diferentes propagandas midiáticas e expressões artísticas como, os cliques da banda irlandesa U2 e do rapper norte-americano Snoop Dogg. Tombada pela Prefeitura do Rio no ano de 2005, a maior escultura do mundo feita por um único indivíduo, é um local estratégico para perceber as dinâmicas culturais dos bairros da Lapa e de Santa Teresa, sendo durante o dia, um movimentado ponto turístico e a noite, local de encontro entre jovens no bairro (FAZZIONI, 2014, p.295).

“O anúncio da modernidade” e conexões com a cidade de grandes eventos

Frequentar os diferentes espaços da rua Joaquim Silva fez parte do processo de pesquisa da criação de *Sorte ou Revés*. Os participantes cotidianamente eram convidados a desnaturalizar a rua, sendo estimulados a circular em horários diversos, a caminhar, conversar com moradores e transeuntes. A incursão quando feita durante os dias úteis,

fim de semana, manhã ou noite, revelavam diferentes dinâmicas sociais da localidade, contemplando em uma mesma rua, aspectos de uma metrópole efervescente e de um bairro boêmio.

Na Joaquim Silva durante o dia, é perceptível o grande fluxo de vans e carros, que cruzam a transversal rua Teotônio Regadas, responsáveis pelo traslado de turistas para a Escadaria Selarón. A diversidade de sotaques e idiomas trazem uma sonoridade particular para este trecho da rua. Barracas com *souvenirs*, bebidas e alimentos são estrategicamente montadas na base da escadaria e em suas bordas. No comércio, os anúncios e cardápios são comunicados em inglês, espanhol e português. Cada metro quadrado do colorido cartão postal é disputado. Caso o transeunte tenha a intenção de parar, este deve saber onde se posicionar, para não atrapalhar o fluxo de vendas, dos carros e dos flashes das máquinas. A prática de tirar selfies e fotografias posadas, tendo os ladrilhos como cenário, também compõe a ambiência dessa escadaria diurna. Entre o sobe e desce de turistas e moradores, é preciso ter cuidado para não atrapalhar o registro fotográfico de quem se posiciona na parte central da escada. Marca-se a presença no espaço compartilhando, dentre outras formas, a #escadariaselaron nas redes sociais. Ao fazer uma pesquisa pela hashtag no Instagram, é possível identificar, entre as mais de 225.000 publicações, uma maioria de fotos com as pessoas posando sentadas ao centro da escadaria, com um tipo de posicionamento padrão ao se retratar. Analisando as imagens reunidas pelo símbolo as agrupa, observamos uma multidão de corpos isolados no monumento. Percebemos que eles se comunicam entre si através de gestos, estilos de vestimenta e forma de posicionamento no espaço para além da popular hashtag, como uma espécie de iniciados nas ritualidades comuns aos visitantes da Escadaria Selarón. Em diálogo com as noções de novas tribos de Maffesoli, o grupo formado pela hashtag compartilha uma “justaposição de rituais cotidianos que criam um estado de alma coletivo” (MAFFESOLI, 2005, p.26) de quem vivenciou a escadaria como um visitante consumidor. Na escadaria, como em um tipo de coreografia marcada, as pessoas circulam entre as bordas, e ao centro, entre os escritos “Escadaria Selarón/Rio de Janeiro”, os visitantes registram a presença no concorrido espaço da cidade.

Em relação com as noções de cidade mercadoria (SANCHEZ, 2010), destaca-se traços de normatização e homogeneização do espaço por meio da espetacularização, nas maneiras de estar e circular na escadaria. Para além da condição de monumento artístico, percebe-se também um espaço de múltiplas vendas, tanto da ideia de cidade - através da

imagem de cartão postal -, a venda do comércio cotidiano e na forma como as pessoas projetam seu poder de consumo no espaço por meio das redes sociais. O fluxo de pessoas e essa respectiva relação de múltiplas vendas, ganha corpo na cena seis da dramaturgia de *Sorte ou Revés*. A coreografia realizada na escadaria, de alguma forma foi percebida pelo grupo na elaboração de *Sorte ou Revés*, e em cena , foi subvertida.

Em movimento, algumas considerações

A referida cena seis do espetáculo ganha sentido nos corpos, que compõem o coro, com movimentos grandiosos, exagerados e utilizando mecanismos de comicidade, inspirados nos gestos do palhaço. Os personagens tentam obter para si, parte da memória do monumento, em vias de ser implodido, na tentativa de guardar um pouco das peças do grande mosaico, diante do anúncio de modernidade do prefeito que enquadra a obra artística de Selarón em um passado que precisa ser superado com a demolição do monumento, para dar lugar a uma moderna e climatizada escada rolante.

Nos intervalos do discurso, do personagem do prefeito, sobre a modernização do bairro da Lapa, as *selfies*, então, também aparecem como forma de registro deste lugar prestes a se transformar. Como em diversos momentos do espetáculo, durante o ato de fazer de conta, no caso, de tirar uma fotografia, o público entra em cena com os atores e repete as poses que foram observadas durante as inserções diurnas na escadaria, é possível observar o desejo de visibilidade, de estar em evidência e fazer parte do espetáculo.

Na sequência da cena, na parte central da base do monumento, ao corporificar a moderna escada rolante, que dará lugar a Escadaria Selarón, os atores iniciam a realização de movimentos em ciclos ritmados, com seus corpos ganhando diferentes alturas, mas que ao acelerarem, cada vez mais, perdem a forma inicial, e desencadeiam em uma colisão similar a uma máquina travando o fluxo de produção. Inserido na lógica do mais e mais rápido, o ponto turístico, é experimentado na forma como os corpos podem, ou devem, estar na escadaria, que cada vez ganha mais visitantes que marcam sua presença nas redes sociais. Estes circulam pelo espaço, sem permanecer por muito tempo dando vez aos próximos visitantes, em um ritmo acelerado que não pode ser interrompido.

Na fabulação, os cruzamentos entre passado e futuro, entrelaçados a invenção criativa, há um exercício de lembrar e esquecer, tendo a figura quase mística de Carmen Miranda, antiga moradora da rua, a brecha para operar os resíduos da memória, em um jogo de lembrar, esquecer e reinventar as memórias sobre a rua Joaquim Silva. Em cena, os participantes reafirmam a relação com o lugar e experimentam modos de estar coletivamente na rua.

Sorte ou Revés, que percorreu a Joaquim Silva no turno da noite, período que comumente é o do lazer, compartilhou o absurdo e o delírio fabulado coletivamente com o público, criando uma outra experiência na escadaria. Portanto, grupo traz uma outra perspectiva sobre a escadaria mídia, em que o encontro e o fazer junto dos participantes do “Fabulações do Território”, são capazes de contaminar outros corpos que se aglomeram no centro da escadaria, em meio a flashes imaginários e reais, produzindo uma estética, compreendendo esta como manifestação de uma ética (Maffesoli, 1987), diversa da experimentada na pesquisa de campo diurna. O retrato que antes era solo, em cena é realizado em grupo. Assim sendo, percebemos que a experiência artística opera como um efeito catalisador de outras formas de estar na cidade, produzindo uma ruptura, mesmo que momentânea, da normatização do espaço público.

Considerações Finais:

As experiências corporais ligadas às atividades de lazer e turismo, vivenciadas e observadas nos bairros de Santa Teresa e Lapa - em diálogo com as noções de Fernanda Sánchez a partir da ideia de cidade mercadoria - revelam diferentes formas de consumo do espaço urbano. Neste sentido, podemos pensar não só na experiência da rua como fator gerador de potentes socialidades, mas também em como territórios específicos transformam seus usos e modos de ocupação diante das gerações que ali habitam.

A leitura das imagens da Escadaria Selarón diurna, movimentada pelos turistas, revela visitantes retratados de maneira isolada, ao centro do quadro, ou ao centro da escadaria. O solo próximo aos escritos que dão nome ao cartão postal, compartilhado em redes sociais, traz uma operação simbólica destes viajantes sobre a popular paisagem urbana. Como uma espécie de tentativa de domínio sobre o espaço, produzindo um

controle, pelo poder de consumo, sobre aquele tempo e lugar da experiência turística (SAYÃO, 2011), inserindo-se nas diversas representações midiáticas da cidade do Rio de Janeiro. Ainda assim, é interessante perceber como esses visitantes vivem o território de uma maneira específica, em contato também com outros grupos que ali também convivem, configurando o que Haesbaert chama de multiterritorialidade (2003, p.9).

Já a experiência artística de *Sorte ou Revés*, tendo em sua premissa o fazer junto, que percorre a rua Joaquim Silva em cortejo, opera as ritualidades dos visitantes diurnos, como camadas que se sobrepõem, proporcionando um outro modo de operar o espaço, transformando-o, a partir da fabulação, em um lugar que tenta escapar ao controle do projeto de “cidade mercadoria” (SÁNCHEZ, 2010). Simultâneo a eles, o Carnaval de rua errante por aquele território. Francesco Careri trata da caminhada como prática “lúdica e espontânea” no modo de reconhecimento de cidades e territórios. O autor, lembrando o pensamento situacionista que exaltava o devir urbano, comenta que o mesmo apresentava a possibilidade de contestar a ideia de bem-estar “que se traduzia na construção de casas de conforto e na organização da mobilidade” (CARERI, 2012, p.98). Assim, ele lembra a necessidade de construir-se aventuras pela metrópole. Sentir o corpo em movimento. Neste sentido, podemos entender a própria caminhada em torno dessa região, em atividades de turismo e cultura, como uma navegação estética pelo Rio capaz de transformar imaginários, modos de experienciar e sentir a cidade ao ar livre.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Marcelo Rubião. MÚSICA, ESPAÇO PÚBLICO E ORDEM SOCIAL NO CARNAVAL DE RUA DO RIO DE JANEIRO: um estudo etnomusicológico (2009-2011). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música (musicologia), Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário Teórico e Crítico de Cinema. São Paulo: Papyrus Ed. 2007

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. Antropologia e Imagem. RJ: Jorge Zahar Ed., 2006.

BARROSO, Flávia Magalhães. Festas de contramão: Cenas e experiências dissensuais da rua. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UERJ, Rio de Janeiro, 2017.

- BELART, Victor. Cidade Pós-olímpica: o Carnaval Pirata e as reformas do Centro do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas / Walter Benjamin; edição e tradução de João Barrento. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.
- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CARERI, Francesco. Wwalkscapes: o caminhar como pratica estética. São Paulo: Editora G.Gili, 2012.
- CRUZ, Hugo (Coord.). Arte e Comunidade . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo, Perspectiva Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- FAZZIONI, Natália. A vista da rua: Etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ). 2012 Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.
- FERNANDES, Rita. Meu Bloco na rua: a retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FREITAS, Ricardo; ELIAS, Roberto. Rio Olímpico: a mercantilização da cidade e o declínio do espaço público. p. 73- 90. INTERIN, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017.
- FREITAS, Ricardo (org.). Corpo e Consumo nas Cidades Coleção: Sabor Metrôpole. Rio de Janeiro: Ed. CRV, 2014. E-book
- FRYDBERG, Marina Bay. Novos agentes e novas configurações no carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 20, 2017.
- FORTUNA, Felipe. Curvas, Ladeiras: bairro de Santa Teresa. Rio de Janeiro: Toopbooks, 1998.
- HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005.
- JACQUES, Paola Barestein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.
- JUÇÁ, M. Circo Voador – A Nave. Rio de Janeiro: Edição do autor. 2014.

- LA ROCCA, Fabio. A cidade em todas suas formas. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- PENEIRA. “Fabulações do Território_Sorte ou Revés íntegra”. Rio de Janeiro: 10 de set. de 2019. Publicado pelo canal Peneira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PD_4dEVOeQE&t=2914s .
- PEIXOTO, Fábio Costa. A metrópole e a patrimonialização do território: a análise dos bairros de Santa Teresa (Rio de Janeiro) e Alfama (Lisboa). Tamoios. Ano VI. Nº 1, 2010.
- SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Chapecó, SC: Argos, 2010.
- SAYÃO, Thiago. Fotografia de paisagem no cartão-postal: atualização da imagem de Florianópolis na primeira metade do século vinte. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH , São Paulo, julho 2011.
- SIMAS, Luiz Antônio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. .
- VELLOSO, Monica P., ROUCHOU, Joëlle, OLIVEIRA, Cláudia, Corpo: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.
- VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva, MOLLICA, Orlando. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.: Niterói, Eduff, 2017